

A formação médica de José Vieira de Faria Aragão Ataliba em Portugal: influências científicas, educacionais e sociopolíticas (1820-1827)¹

The medical education of José Vieira de Faria Aragão Ataliba in Portugal: scientific, educational and socio-political influences (1820-1827)

ANA LÍCIA DE MELO SILVA

Universidade Federal do Triângulo Mineiro | UFTM

ALMIR LEAL DE OLIVEIRA

Universidade Federal do Ceará | UFC

182

RESUMO Este artigo trata da formação universitária de José Vieira de Faria Aragão Ataliba (1804-1853), médico e professor da Faculdade Medicina da Bahia no século XIX. A investigação fundamentada na educação comparada e na história das ciências foi resultado de pesquisas em arquivos e bibliotecas em Coimbra e Lisboa. A pesquisa documental está inserida no gênero biográfico modal com recorte temporal de 1820-1827. As fontes foram constituídas por periódicos, registros acadêmicos e memórias do sujeito. Elas permitiram compreender como determinados costumes, hábitos culturais e científicos foram adquiridos por Ataliba que, posteriormente, contribuiu com propostas de higienização urbana na Bahia.

Palavras-chave José Vieira de Faria Aragão Ataliba (1804-1853) – medicina – higienização urbana – Bahia.

ABSTRACT This article deals with the university education of José Vieira de Faria Aragão Ataliba (1804-1853), a physician and professor at the Medicine Faculty of Bahia in the nineteenth century. The investigation, based on comparative education and the history of science, was the result of researches carried out in archives and libraries in Coimbra and Lisbon. The documentary research is inserted in the modal biography genre, with time período extending from 1820 to 1827. The sources comprise periodicals, academic records, and subject memories. They allowed us to understand how certain customs, and cultural and scientific habits were acquired by Ataliba, who subsequently contributed with proposals for urban sanitation in Bahia.

Keywords José Vieira de Faria Aragão Ataliba (1804-1853) – medicine – urban sanitation – Bahia.

Introdução

Neste artigo apresentamos aspectos da formação acadêmica de José Vieira de Faria Aragão Ataliba, na Universidade de Coimbra, no período de 1820 – 1827, limite cronológico desta pesquisa. Isto nos leva ao objetivo central

deste artigo que é conhecer o percurso formativo de um médico que assumiu, posteriormente, a cadeira de Química na Faculdade de Medicina da Bahia². Assim, organizamos este artigo em duas etapas de formação deste intelectual: a formação acadêmica de José Vieira de Faria Aragão Ataliba e; as experiências culturais que José Vieira Ataliba adquiriu ao conviver com outros estudantes na cidade de Coimbra.

O livro *A indústria química e o desenvolvimento do Brasil: dos primórdios da alquimia ao Brasil imperial (1500-1889)* de Carrara Jr. e Meirelles (1996) apresenta uma investigação histórica a partir de um conjunto de documentos que situam a Química no setor da indústria, pesquisa e ensino. Esta publicação é dividida em dois tomos. O primeiro, *Dos primórdios da alquimia ao Brasil Imperial (1500-1844)* e o segundo, *De Pedro II à República (1844-1889)*. No que se refere a esse último ponto, o livro informa que a cadeira de Química foi criada na Academia Médico-Cirúrgica da Bahia por Carta-Régia de 28 de janeiro de 1817³.

O capítulo *O desenvolvimento Industrial, na seção O ensino e a pesquisa Química* apresentou José Vieira de Faria Aragão Ataliba como primeiro professor da cadeira de Química da Faculdade de Medicina da Bahia, no ano de 1833. Com esta informação começamos a investigar e colecionar informações sobre este intelectual. Os primeiros registros encontrados foram do livro de Atas da *Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia (1816-1855)*, no qual pudemos ter noção do cotidiano da instituição e da participação daquele professor. Com a leitura dos traços biográficos do citado professor de Química, no periódico *Gazeta Médica da Bahia*, conhecemos um pouco de sua história.

José Vieira de Faria Aragão Ataliba (1804-1853), nascido na Bahia, era filho do comerciante Francisco Vieira de Faria e de Antonia Florinda de Aragão. Ao completar 16 anos de idade embarcou para Portugal a fim de estudar medicina na Universidade de Coimbra entre os anos de 1820-1827. Ao retornar para Salvador de seus estudos médicos, foi eleito Vereador (1833-1834), Fiscal da Comissão da Saúde (1835), Juiz de Paz (1836), Deputado da Província (1844), Presidente da Câmara Municipal (1845), Presidente do Conselho de Instrução Pública (1852) e, Secretário e Presidente do Conselho de Salubridade da Província da Bahia (1843)⁴.

A partir do conjunto de informações sobre o seu percurso de vida e das leituras sobre História da Ciência, buscamos compreender a formação deste intelectual e identificar a rede de sua sociabilidade. Como intelectual, em formação e atuação na primeira metade do século XIX, ficou entendido que sua atenção à construção do conhecimento científico passou a ter uma estreita relação com aqueles que monopolizavam os recursos materiais. Dessa forma, as produções científicas tornaram uma espécie de moeda de troca que, por um lado, fortalecia a economia e a política de uma metrópole e, do outro, os cientistas acumulavam vantagens sociais além de exercerem cargos políticos⁵.

O processo de instrução cultural e científica voltada para a elite, no século XIX, encaminhava os sujeitos a adquirir gostos e atitudes que os distinguiu das outras pessoas de sua sociedade, ou seja, a sua civilidade ao mesmo tempo em que o destacava em sociedade, também servia de exemplo a ser seguido por indivíduos que não eram escolhidos para terem a devida instrução⁶.

A ideia de civilidade nos proporcionou entender José Vieira de Faria Aragão Ataliba como sujeito social e civilizado. Embora o conceito de civilidade tenha sido construído a partir de análises da sociedade francesa, a categoria de civilidade é profícua para outros tempos e espaços históricos⁷.

Nesse sentido, o intelectual baiano, José Vieira de Faria Aragão Ataliba, obteve instrução acadêmica na Universidade de Coimbra entre os anos 1820-1827. Nesse ambiente acadêmico, ele passou a adquirir um comportamento médico e político, razão pela qual conseguiu uma ascensão social, prestígio e vantagens políticas na sociedade baiana e, ao mesmo tempo, esteve empenhado em realizar ações higienistas: a relação entre saber e poder.

O nosso trabalho de investigação está inserido numa abordagem da micro-história por nos permitir compreender as relações culturais que José Vieira de Faria Aragão Ataliba estabeleceu com sua rede de sociabilidade no percurso de sua formação acadêmica. Na sua condição de sujeito em formação intelectual passou a ser compreendido nesta pesquisa como àquele que aspirava ao reconhecimento de sujeito histórico da razão, da lógica, da experimentação e da ciência.

Com isso, o estudo foi estabelecido no campo da História da Ciência por contemplar os sujeitos que contribuíram na construção do conhecimento científico, os quais ficaram “apagados pela aparente continuidade do progresso científico”. Nessa perspectiva, o estudo passou a reconhecer José Vieira de Faria Aragão Ataliba como intelectual que ao adquirir um conhecimento científico na área da medicina conseguiu propor ações de civilidade através de suas atividades higienistas embasadas nos pressupostos químicos⁸.

Seguindo a perspectiva de situar historicamente José Vieira de Faria Aragão Ataliba como intelectual da primeira metade do século XIX, no contexto social – Coimbra/Portugal, buscamos contribuições da História da Educação. Essa área de pesquisa propõe o desenvolvimento de pesquisas na forma de uma história-problema, ou seja, as produções de trabalhos históricos devem questionar os fatos que expressam as atividades humanas. Para isto, a produção do conhecimento histórico deve estar norteada a reinterpretar o passado. A leitura dos documentos que tratam de José Vieira de Faria Aragão Ataliba nos permitiu repensar os seus percursos de formação numa inter-relação com outros sujeitos históricos, campos científicos e realidades sociais. Desta forma, conduzimos a nossa pesquisa por meio da reflexão de que no campo da História os fatos históricos são fabricados e, por isso, “só há fato ou fato histórico no interior de uma história-problema”⁹.

No andamento desta pesquisa alguns questionamentos foram levantados. Qual o plano de estudos José Vieira de Faria Aragão Ataliba seguiu entre os anos de 1820-1828? Como foram os seus anos de experiência estudantil na cidade de Coimbra?

Os questionamentos apresentados partiram do entendimento de que os percursos de formação de José Vieira de Faria Aragão Ataliba só conseguiriam sentido na medida em que fossem relacionados com o contexto social. O gênero biográfico do tipo modal possibilitou situar o sujeito nas tessituras sociais, educacionais e culturais com a finalidade de compreender os fatores históricos que contribuíram e influenciaram as suas decisões e escolhas, além das características que integram os diferentes grupos que o sujeito histórico participou¹⁰.

184

O fluxo de eventos ou ações desenvolvidas por um sujeito histórico, intelectual, civilizado deve ser entendida como um processo de recolha de elementos dos processos formativos institucionais e experiências culturais em outras realidades sociais e por contato com outros sujeitos. Essa perspectiva adotada para conhecer e compreender a formação de José Vieira de Faria Aragão Ataliba conduz à filiação desta pesquisa a uma abordagem em Educação Comparada por considerar que “a educação não funciona de forma isolada; se inter-relaciona com outras instituições sociais e políticas e que é melhor compreendida quando examinada em seu contexto social”¹¹.

A pesquisa documental foi realizada nas cidades de Coimbra e Lisboa/Portugal no Arquivo da Universidade de Coimbra, Biblioteca da Universidade de Coimbra e Torre do Tombo. Em cada uma dessas instituições buscamos realizar um levantamento de fontes diversas, tais como atas, almanaque, estatutos, jornais, matrículas, memórias, ofícios, pareceres, revistas, termos de posse, teses e tratados. Todos os documentos foram selecionados seguindo o recorte temporal e o sujeito investigado.

As fontes, após serem localizadas, receberam tratamentos diferentes. Para aquelas que foram encontradas nos acervos da cidade de Coimbra, algumas foram digitalizadas e outras transcritas. Em seguida, os dados foram selecionados e organizados por tema e período a fim de serem feitos inventários descritivos. Na sequência, foi realizada a interpretação dos documentos a partir de um acompanhamento de bibliografia correspondente ao contexto social.

No Arquivo da Universidade de Coimbra, a leitura do livro *Brasília e Relação e Índice Alfabético dos Estudantes* permitiu identificar as matrículas de cada ano letivo de José Vieira de Faria Aragão Ataliba e seus endereços residenciais durante o período de estudos médicos. A leitura dos seguintes documentos: *Carta de Curso*, *Certidão de Idade* e os Livros de Atas de *Medicina Actos e Graus*, *Acta e Pontos* possibilitaram o conhecimento dos documentos apresentados por José Vieira de Faria Aragão Ataliba em cada matrícula, dos conteúdos, examinadores e presidentes de sessão de exames letivos, o seu plano estudos e seu diploma de bacharel em medicina.

Assim, este artigo está dividido nas seguintes seções: na primeira, conhecer a formação acadêmica de José Viera de Faria Aragão Ataliba, em Portugal, situando-o como estudante na Universidade de Coimbra. A segunda, as experiências sociais e políticas vivenciadas por este intelectual enquanto viveu em Coimbra. Por fim, as considerações finais que alcançamos com esta investigação.

A formação médica de José Vieira de Faria Aragão Ataliba em Portugal

A formação em Medicina de José Vieira de Faria Aragão Ataliba foi realizada na Universidade de Coimbra, no período de 1820 a 1827. O jovem baiano, tendo prestado seus estudos menores na capitania da Bahia conseguiu obter, sem apresentar nenhuma reprovação de exame letivo, o seu grau de bacharel.

O período da formação acadêmica de José Vieira Ataliba coincide com o contexto da Revolução Liberal que teve início na cidade do Porto, em 1820. Esse movimento político e cultural teve suas origens nas ideias filosóficas do Iluminismo e compreendido como uma expressão ideológica e de afirmação social que surge em consequência de um desprendimento dos moldes de organização da sociedade medieval para determinar uma consciência política europeia.

O Liberalismo surgiu em Portugal na primeira metade do século XIX como uma ideologia política dominante, legitimadora da nova ordem social [...]. A evolução do liberalismo político está ligada aos vários movimentos revolucionários contra o absolutismo que ocorreram desde 1820 e que justificavam as sucessivas expressões que surgiram para designar: “vintismo” (1820-1823), “cartismo” (1826-1828), e “setembrismo” (1836-1842) [...]”¹²

A sociedade portuguesa em meio aos problemas políticos e econômicos ainda permanecia como referência no que diz respeito à formação intelectual acadêmica. A cidade de Coimbra, por sediar a Universidade de Coimbra, continuava a atrair estudantes de várias regiões do império lusitano com a finalidade não só de obter um grau acadêmico, mas ascender posições sociais, ou seja, “possibilidade de conquistar um estatuto social que se traduzisse em situações de favorecimento econômico, político, social e cultural”¹³.

A formação acadêmica foi entendida como norteamento a novos sujeitos sociais alcançarem a posição de elite. A intenção de encaminhar jovens brasileiros a buscar um título acadêmico pode ter sido da família de sucedidos comerciantes de José Vieira Ataliba. Em texto memorialístico sobre José Vieira Ataliba, encontramos a informação de que família do biografado era preocupada com seu futuro e por isso não descuidou de sua educação.

Seu pae, negociante abastado e respeitável por suas boas qualidades, deu mais realce e distinção á sua descendência pela união conjugal com o bello ramo da família dos Aragões. O nascimento de Ataliba pouco tempo deixou seus paes na inquietação e incerteza de seu futuro; porque, apenas sua alma se vigorava com o desenvolvimento de sua organização, sua capacidade mental, suas tendências Moraes lhe davam a mais lisongeira esperança. Dispondo de meios sifficientes, seus paes nada pouparam para dar-lhe uma desvelada educação. Depois de ter feito na Bahia os estudos preparatórios para a formatura e todos os mais que o nosso estado de colonisação e atrazo então permitia, embarcou-se para Portugal em 3 de Maio de 1820¹⁴.

Os cursos da Universidade de Coimbra na segunda década do século XIX ainda acompanhavam a organização prevista nos Estatutos de 1772 no que se referem ao critério de idade, comprovantes de estudos menores e curso Preparatório. No caso particular da Medicina, a idade de ingresso nas disciplinas médicas era de dezoito anos, além disso, os alunos deviam apresentar os comprovantes de estudos menores em Latim, Grego e Filosofia Moral e Racional e, três anos no curso Preparatório, o qual era composto por disciplinas do curso filosófico e matemático.

*Sendo manifesto, que não pode o Medico fazer progresso algum na sua Profissão sem entrar nella plenamente informado nos conhecimentos prévios, que nellasuppõe; os quaes faltando, se tornariam inúteis todos os esforços de estudo, que na mesma Medicina se empregassem: Hei por bem ordenar, que não sejam admittidos á matrícula os Estudantes Médicos, sem provarem a instrucçãonecessária nos Estudos seguintes: Em primeiro lugar deverão ter adquirido o conhecimento necessário na Língua Latina, de sorte que a entendam, escrevam correcta, e desembarcadamente. [...] deverão também os Estudantes Médicos ter adquiridos o conhecimento da Língua Grega, de sorte que a entendam com suficiêcia, e desembaraço. [...] em segundo lugar, deverão ter previamente instruídos nos Estudos Filosoficos, e Matemáticos, necessários para entrar com sólidos princípios no Estudo da Medicina [...]. Para o que Ordeno, que alem de terem ouvido a Filosofia Racional, e Moral por espaço de hum anno, estudem três anos effectivos de Fysica, e Matematica [...]*¹⁵

O baiano José Vieira Ataliba cumpriu sem restrições as exigências estatutárias para ingressar no curso de Medicina da Universidade de Coimbra. No entanto, os conhecimentos prévios de língua grega e Filosofia Moral e Racional que deveriam ser estudados no curso de escolas menores na Bahia, José Vieira Ataliba passou a estudá-las na Universidade de Coimbra. Segundo os Estatutos de 1772, os alunos nestas condições tinham permissão para frequentar as aulas de língua grega até o final do segundo ano de Medicina e, os estudos de Filosofia Moral e Racional seriam realizados ao final do curso Preparatório.

José Vieira Ataliba iniciou suas matrículas, em 1820, com 16 anos de idade no curso Preparatório. Inicialmente, o jovem baiano cursou Filosofia Moral e Racional, no segundo ano letivo, em 1821, Geometria e História Natural, no terceiro ano letivo, em 1822, Cálculo e Física Experimental e, no quarto ano, em 1823, Foronomia e Química¹⁶. Com o estabelecimento do rigor da idade, José Vieira Ataliba a cada matrícula deveria apresentar sua Certidão de Idade a qual foi escrita, em 17 de agosto de 1819, por Feliciano Gavez Pinto de Madureira - secretário da Câmara Arqueiepiscopal da Bahia. A apresentação deste documento continha as seguintes informações extraídas Livro de Batismo da Freguesia da Sé Cathedral na página 305:

*Aos oito de Junho de mil oito centos e quatro, nesta Sé Cathedral, baptizei, e puz os Santos Oleos a Jozé nascido a vinte de março deste presente anno filho legitimo de Alferes Francisco Vieira de Faria e Dona Antonia Florinda de Aragão, foi padrinho o Capitão Jozé Cardozo Marques solteiro morador na Freguesia da Conceição da Praia, de que fiz este assunto que assignei*¹⁷.

Neste período de estudos iniciais, antecedentes as disciplinas do curso médico, José Vieira Ataliba conviveu com a exaltação do primeiro período da Revolução Liberal (1820-1823) que ficou conhecida como vintismo. Entre esses anos, Portugal aprovou o seu primeiro texto constitucional oitocentista, em 1822, tendo a recusa do juramento da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon. Esta demonstrou o seu posicionamento a favor do regime de governo absolutista e não liberal, no primeiro triênio da revolução.

*Em Lisboa, foi no Ramalhão que viveu a maior parte da vida e aí reuniu um núcleo importante de absolutistas, planeando a contra-revolução. Em 1822, a rainha assume já muito claramente a sua oposição à Revolução de 1820. Foi notável a coragem com que o fez, frente às cortes vintistas, recusando-se a jurar a Constituição de 1822. Foi um facto político que decididamente a catapultou para a frente do grupo dos descontentes com o governo liberal e que mereceu as honras de ter sido uma das mais empolgadas questões com que abriram as Cortes Ordinárias em Dezembro desse ano, obrigadas até a fazer uma publicação oficial do assunto para esclarecimento da opinião pública. [...] Por tal recusa, os liberais vintista, com a anuência do rei, determinaram o seu exílio de Portugal, o que só não aconteceu porque a rainha conseguiu protelar a decisão, alegando uma situação de doença, e porque a evolução dos acontecimentos não a tornou possível [...]*¹⁸

José Vieira Ataliba, após três anos de estudos no curso Preparatórios, recebeu permissão dos professores da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra para realizar suas matrículas as cadeiras do curso médico. O seu primeiro registro de matrícula para cursar as cadeiras de ciências médicas foi em 03 de outubro de 1823¹⁹, ano em que cursou Anatomia: teoria e prática. A segunda matrícula foi em 06 de outubro de 1824²⁰, período em que estudou a cadeira de Instituições Médico-Cirúrgico, na qual integrava os estudos de Fisiologia, Patologia, Semiótica, Fisiologia, Higiene e Terapêutica. A terceira matrícula ocorreu em 05 de outubro de 1825, período em que estudou as cadeiras de Matéria Médica. A quarta matrícula, em 06 de outubro de 1826²¹, ano em que estudou Aforismo, a qual abordava os métodos de cura de enfermidades. A quinta matrícula se deu em 04 de outubro de 1827²², período de estudos reservados a Prática de medicina e cirurgia com estágio no hospital²³.

O período de cinco anos de estudos médicos de José Vieira Ataliba foi marcado por um contexto social caracterizado pelo dinamismo de grupos de adesão e resistências aos ideais liberais que pregavam a formação de um estado monárquico-constitucional. Neste cenário de tensão política da Revolução Liberal aconteceu uma série de fatos, como por exemplo, a conspiração do infante D. Miguel ao rei D. João VI na Vila-Francada, em 1823, que desencadeou outras ações de oposição e resistência aos ideais liberais.

*Chefe da ala apostólica absolutista, D. Miguel distinguira-se no golpe chamado Vilafrancada, que conduziu ao fim da primeira experiência liberal portuguesa, em 1823. O infante insatisfeito com a moderação do governo de seu pai, aliado à rainha sua mãe e a todos os ultras, desencadeou, em Abril de 1824, outro golpe, a Abrilada, com o intuito de eliminar das perspectivas funções D. João VI. O rei refugiou-se numa nau inglesa e recuperou a chefia do Estado, solidamente apoiado pelo corpo diplomático. D. Miguel, que traíra o chefe da dinastia, foi obrigado a exilar-se [...]*²⁴

Com os acontecimentos da Vila-Francada, os grupos de resistência e oposição ao movimento liberal iniciaram um segundo momento dessas questões políticas no ano de 1826. Nesse período, a Universidade de Coimbra também passou a sentir os efeitos daquelas disputas através de manifestações partidárias entre os professores. Dessa forma, consideramos que os percursos acadêmicos dos estudantes, em particular a José Vieira Ataliba, foram prejudicados no período do governo de D. Miguel. Estes acontecimentos conduziram o encerramento das aulas universitárias por meio de Portaria de 30 de agosto de 1828. Isso permite considerar que José Vieira Ataliba não tenha recebido o seu título de doutor em Medicina no final do quinto ano letivo²⁵.

*Medicina, Actos e Graus*²⁶, o qual registrava os exames e conteúdos examinados dos estudantes, nos deixam dúvidas quanto ao final dos estudos médicos do jovem baiano. Isso se deve as páginas reservadas para a turma de Medicina do ano letivo de 1827-1828 que apenas registraram o aluno Alexandre da Silva Pereira, filho de Antonio Xavier da Silva – natural de Lorvão da Comarca de Coimbra, como único submetido ao exame de formatura que esteve em conformidade aos Novos Estatutos.

José Vieira Ataliba, em seus quatro anos de curso médico, foi submetido a exames a cada final de ano letivo. Os conteúdos examinados para cada exame foram registrados no livro de Medicina Pontos (1820-21 a 1839-40)²⁷ e organizados por ano letivo. Abordaram os seguintes conteúdos: no primeiro ano: Anatomia, no segundo ano: Patologia, no terceiro ano: Matéria Médica, Química e Farmácia e no quarto ano: Aforismo de Hipócrates.

As sessões de exames que avaliaram os conhecimentos de José Vieira Ataliba aconteceram no turno da manhã com uma duração por volta de uma hora e trinta minutos. Os atos de aferição de conteúdo médico eram realizados na presença de um presidente designado como titular da disciplina daquele ano letivo do aluno e da presença dos demais professores da Faculdade de Medicina, os quais representavam os titulares das demais cadeiras de ensino do curso acadêmico. Conforme o livro de atas Medicina Pontos (1820-21 a 1839-40)²⁸ referente ao período letivo de 1820-21 a 1839-40, José Vieira Ataliba apresentou o seguinte quadro de sessões de exames médicos:

Quadro 1: Sessões de Exames letivos de José Vieira Ataliba no curso de Medicina.

Exames dos Estudos Médicos			
	Dia/Data	Horário	Presidente / Examinadores
1º Ano	Segunda-feira/ 21/06/1824	09:30h	José Ignácio Monteiro Lopo/ Ângelo Ferreira Dinis, Antonio Joaquim de Campos, João Baptista de Barros
2º Ano	Sexta-feira/ 01/07/1825	09:30h	João Alberto Pereira de Azevedo/ José Feliciano de Castilho, Jerônimo Joaquim de Figueiredo, Ângelo Ferreira Dinis, José Ignácio Pereira Lopo
3º Ano	Segunda-feira/ 29/05/1826	08:00h	Jerônimo Joaquim de Figueiredo/ João Alberto Pereira de Azevedo, José Ignácio Monteiro Lopo, João Baptista de Barros
4º Ano	Segunda-feira/ 28/05/1827	08:00h	Antonio Joaquim de Campos/ Jerônimo Joaquim de Figueiredo, Ângelo Ferreira Dinis, João Alberto Pereira de Azevedo, José Ignácio Monteiro Lopo

Fonte: Arquivo da Universidade de Coimbra²⁹.

O jovem baiano José Vieira de Faria Aragão Ataliba, ano de 1827, aos 23 anos de idade, conseguiu concluir com êxito o exame do quarto ano letivo. O resultado desta sessão foi a sua obtenção do grau de Bacharel em Medicina e certificado de aprovação com todos os votos a favor de seus examinadores, resumido na expressão *Nemine Discrepante*³⁰.

As experiências conimbricenses de José Vieira de Faria Aragão Ataliba: as influências sociopolíticas

188

A vida de estudante na Universidade de Coimbra na segunda década do século XIX foi marcada pelos acontecimentos da Revolução Liberal que eclodiu na cidade do Porto, em 1820. Nesse contexto histórico português, o baiano, José Vieira de Faria Aragão Ataliba, viveu na cidade de Coimbra entre 1820-1828. O período de formação também lhe proporcionou aprender duas experiências no ambiente acadêmico: “um, desenvolvendo a dimensão estritamente acadêmica, no verdadeiro sentido do termo e outra apelando a uma vivência de boemia, motivada pela concentração de estudantes, num espaço relativamente pequeno e quase fechado”³¹.

José Vieira Ataliba aprendeu a viver longe de seus familiares e amigos e do conforto da casa dos pais. Somado a isto, as experiências de um estudante acadêmico, na cidade de Coimbra, eram marcadas pelas dificuldades de acesso à Universidade de Coimbra. As estradas portuguesas até Coimbra deixavam os estudantes de cidades vizinhas exaustos devido as condições climáticas e distâncias. Isso não era apenas uma realidade dos estudantes portugueses, mas dos brasileiros que passavam, aproximadamente, sessenta dias para cruzar o Oceano Atlântico.

*[...] De qualquer parte que se viesse, não era simples alcançar a cidade. As estradas eram difíceis e constituía mesmo uma aventura a viagem até lá. Basta dizer que, para vencer as 33 léguas que a separavam de Lisboa, levava-se cerca de 2 dias. Dependendo da terra de origem, mesmo os estudantes reinóis tinham que enfrentar penosas jornadas em lombos de mula, até atravessar a ponte sobre o Mondego e entrar em Coimbra. Quanto aos brasileiros, passavam não menos de 60 dias para cruzar o Atlântico até o porto de Lisboa e daí, até ao destino, mais uma difícil jornada por terra*³².

A distância que dividia Brasil de Portugal era apenas o primeiro elemento que estudantes brasileiros deveriam enfrentar para realizar seus estudos acadêmicos. O aspecto do novo, do estranho que poderiam se mostrar ao longo dos anos revelava a partir das diferenças no clima devido as baixas temperaturas. Além disso ser estudante não era o mesmo que viver na casa da família cercado de mordomias, ao contrário estavam experienciando uma vida de sacrifícios que incluía a responsabilidade por materiais de estudos, alimentação, moradia, trato das roupas e calçados e entre outros³³.

A intenção de estudar na Universidade de Coimbra a fim de conseguir posteriormente um cargo na administração pública e ascensão social também viabilizou José Vieira Ataliba ao convívio de outros estudantes de diferentes regiões brasileiras e portuguesas. Isso pareceu ter possibilitado ao jovem estudante baiano o conhecimento das questões sociais, políticas e culturais das localidades de origem dos demais estudantes. Com isso, os estudantes brasileiros construíram redes de sociabilidade e suas identidades.

Se, por um lado, estudar em Coimbra significava para os estudantes do ultramar enfrentar as dificuldades do viver longe da casa paterna, por outro, constituía oportunidade de estreitar relações com conterrâneos, travar contacto com jovens de outras partes do Brasil e formar com eles laços de solidariedade. Esse aspecto não será irrelevante ao observarmos os desdobramentos que essa rede de solidariedades regionais propiciou, em termos de agregação dos estudantes brasileiros em torno dos novos espaços de sociabilidade que o universo acadêmico e o viver na metrópole ofereciam³⁴.

O sentido da rede de sociabilidade deve ser compreendido neste contexto histórico das experiências conimbricense de José Vieira Ataliba como um universo limitado que está contido na sua vida cotidiana, a qual expressa aspectos da vida privada, familiar, estudantil, trabalho e lazer.

[...] A vida quotidiana exprime-se através de um conjunto de vivências, de emoções, de comportamento, de reações subjectivas e colectivas e traduz num sistema de actividades elementares, que se destinam a garantir o pleno desenvolvimento e a evolução do homem enquanto ser biológico e membro da sociedade. [...] Por sociabilidade entende-se a aptidão geral dos indivíduos (e dos grupos) para viverem de modo mais ou menos intenso as variadas relações que se estabelecem em qualquer sociedade organizada, aceitando certas regras de convivência e alienando uma parte da sua liberdade pessoal [...].³⁵

As primeiras possibilidades de construção das redes de sociabilidade de José Vieira Ataliba foram os lugares em que morou nos anos de sua formação acadêmica. Nesse período, o jovem baiano não permaneceu apenas em um endereço. Ao contrário disso, José Vieira Ataliba manteve-se anualmente realizando mudança de endereço nas mediações da Universidade de Coimbra. E mesmo com as mudanças, os estudantes não se perdiam uns dos outros e eram entre si e demais estudantes portugueses reconhecidos por seus locais de origem, ou seja,

os jovens estudantes luso-brasileiros, egressos de diferentes “províncias da América”, muitas vezes se reconheciam e eram identificados a partir da sua região de nascimento. Assim, por exemplo, um nascimento em São Paulo era paulista, se reconhecia como tal e, de alguma forma, não se confundiam com o mineiro das Minas Gerais ou do baiano da Bahia³⁶.

As informações acerca dos endereços dos estudantes foram registradas nos *Livros de Matrícula* da Universidade de Coimbra. Por eles, os professores tinham o conhecimento dos endereços de cada aluno a cada ano letivo. O registro de cada endereço em que viveu José Vieira Ataliba era acompanhado com a informação de sua naturalidade e nome de seu pai. Nos seus anos de estudos no curso Preparatório e de Medicina, José Vieira Ataliba morou em pelo menos sete endereços diferentes.

Quadro 2: Relação de endereços de José Vieira Ataliba na cidade de Coimbra

Ano letivo	Endereço	Ano letivo	Endereço
1820-1821	Rua do Norte, n. 70	1824-1825	Rua da Trindade, n. 17
1821-1822	Rua Couraça de Lisboa, n. 22	1825-1826	Rua do Forno, n. 136
1822-1823	Rua Couraça de Lisboa, n. 22	1826-1827	Rua da Pedreira, n. 124
1823-1824	Rua da Matemática, n. 551.	1827-1828	Rua Couraça de Lisboa, sem identificação de número

Fonte: Arquivo da Universidade de Coimbra³⁷.

José Vieira Ataliba dividiu residência com seus conterrâneos baianos no ano letivo de 1823-1824, período em que correspondeu ao início do curso médico. Prudêncio José de Sousa Brito Cotegipe, filho de Manoel Joaquim de Sousa Brito e, Floriano de Figueiredo Rocha, filho de José Joaquim de Figueiredo Rocha, estudavam Medicina na mesma turma de 1823. Possivelmente, suas famílias, parentes e amigos estiveram juntos no embarque dos três jovens na Capitania da Bahia que seguiam em busca por melhores condições de vida³⁸.

A organização dos estudantes que residiam na cidade de Coimbra era feita por região de origem que, provavelmente, José Vieira Ataliba tinha contato direto com alunos brasileiros. Essas relações estudantis que o critério de origem norteava não era o único daquela época, o fator do poder aquisitivo também era levado em consideração.

*[...] cidade dual, com a Alta, dominada pela Universidade e pelo estudo, onde habitavam professores, estudantes e pessoas de estatuto social elevado; e a Baixa, que é o mundo do trabalho onde se concentram os homens de negócio, os mercadores, a gente de ofícios e de serviços. Cidade dual, é verdade, mas a afirmação não exclui que na Alta existiam comerciante e muitos artesão, entre os quais, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, barbeiros, necessários para responder às necessidades dos universitários [...]*³⁹.

Sobre o aspecto financeiro podemos considerar que José Vieira Ataliba, frequentou os grupos de confrarias dos estudantes com maior poder econômico e que seus endereços listados na relação de matrícula estavam localizados na região privilegiada da cidade de Coimbra, ou seja, nas proximidades da Universidade de Coimbra. A possibilidade de José Vieira Ataliba ter sido considerado um estudante de posses financeiras deve-se pelo fato de ter sido filho de um comerciante respeitável na cidade de Salvador⁴⁰.

O processo de instrução acadêmica de José Vieira Ataliba não foi, apenas, uma formação em medicina, no saber científico. As experiências vividas na condição de estudante universitário contribuíram para torná-lo civilizado, distinto das outras pessoas em sociedade. Os seus planos de estudos, a organização de suas despesas e o seu lazer convergem para tornar ações de interdependência. E como essas ações são de uma ordem particular, privada ao indivíduo, elas podem estar entrelaçadas com atividades de outros indivíduos para formar uma ordem social, ou ainda, a configuração de um processo civilizador.

*[...] o estudo desses mecanismos de integração, porém, também é relevante, de modo mais geral, para a compreensão do processo civilizador. Só se percebemos a força irresistível com a qual uma estrutura social determinada, uma forma particular de entrelaçamento social, orienta-se, impelida por suas tensões, para uma mudança específica e, assim para outras formas de entrelaçamento, é que poderemos compreender como essas mudanças surgem na mentalidade humana, na modelação do maleável aparato psicológico, como se pode observar repetidas vezes na história, desde os tempos mais remotos até o presente*⁴¹.

Outro momento para constituição da rede de sociabilidade de José Vieira Ataliba deu-se com os alunos de sua turma do curso de Medicina. Essa classe era composta por 14 estudantes, sendo três brasileiros da Província da Bahia e onze portugueses de nove cidades diferentes. A diversidade cultural com que José Vieira Ataliba teria nesses anos acadêmicos não era restrita a este universo de sua turma de Medicina. O fato de ter sido estudante no curso Preparatório, composto por disciplinas nas faculdades de Filosofia e Matemática, aumentaria a sua rede de sociabilidade, além de ter contado com outros portugueses que moravam naquela cidade de Coimbra (*Livro de Matrícula* 1820-1821)⁴².

A rede de sociabilidade de José Vieira Ataliba também estaria expressa na forma de lazer e festas que aconteceram naqueles anos de formação em estudos médicos. O lazer e a festa são expressões da sociabilidade e definidas como:

*O lazer é um conjunto de ocupações ou funções a que o ser humano se pode dedicar voluntariamente, depois de ter cumprido toda uma série de obrigações do dia-a-dia (familiares, profissionais ou sociais), para se divertir, assegurar a sua formação ou melhorar a sua informação. A festa rompe com as normas, os ritmos e os ritos do quotidiano, subvertendo-os (ainda que particularmente) e funcionando como uma válvula de escape contra o peso, a rotina e a monotomia do dia-a-dia*⁴³.

As vivências em confrarias e a amplitude das artes naquele período de estudos médicos nos permite considerar que José Vieira Ataliba esteve apropriando-se da arte. Os vestígios de seu refinamento no campo artístico foram mostrados à sociedade baiana ao retornar dos estudos. Ele “amava as bellas artes; frequentava theatros e os apreciava com o discernimento de amator. Sabia música e tocava piano e flauta com apurado gosto”⁴⁴. Sobre a música podemos entendê-la como um dos elementos que marcou a sociabilidade profana difundida em Portugal. Entre cerimônias e ambientes públicos, a música caracterizava-se elemento para agrupamento de sujeitos, ou ainda, aquela que promovia lazer e distração, marcava rituais e cerimônias.

*[...] como promotora da distração e do prazer próprios do gênero humano, é uma actividade útil, necessária e agradável; [...] sendo um remédio e um antídoto, a música exerce vigilância sobre os costumes, sociabiliza os cidadãos, acalma as paixões, tranqüiliza os ânimos, renova as forças do entendimento, combate o tédio e previne a ociosidade viciosa. [...] Com efeito, a música era omnipresente e ambivalente: aparecia nas cerimônias religiosas e nas manifestações profanas, nos actos de passagem ligados à vida e à morte, nas comemorações cívicas, nos actos de caridade e de filantropia, nos passeios públicos, praças, coretos e feiras*⁴⁵.

As possibilidades de um estudante conimbricense ter adquirido um comportamento de polidez que apresente gestos aceitos para uma convivência social podem ser identificadas em José Vieira Ataliba. Em seu percurso profissional, apresentou traços de um comportamento refinado que o distinguia dos demais contemporâneos de sua época e, ainda, considera que tal distinção pode ser prevista para os seus tempos de convívio com os portugueses.

*A polidez no trato, a vivacidade de espírito, a jovialidade de gênio, a modéstia, e lhaneza do estudante brasileiro, desarmavam o zelo que a emulação de sua superioridade originava, de sorte que era estimado por todos os collegas, até portuguezes; e ainda hoje não há um só de seus contemporâneos, que não se lembre e não folgue em narrar um facto, ou um dicto espirituoso e engraçado do Dr. Ataliba*⁴⁶.

191

A sociabilidade em Coimbra também proporcionou a José Vieira Ataliba o contato com pessoas que ameaçavam a tranquilidade da cidade não aceitas por parte das autoridades locais, sejam elas acadêmicas, religiosas e políticas. Alguns estudantes de Coimbra, nas formas de sociabilidade religiosas, apresentavam comportamentos impróprios nos ritos de procissões, nas quais professavam a fé católica. A desvalorização do caráter penitencial por parte das manifestações pagãs caiu em desuso após o ano de 1834 por ações eclesiásticas que pretendiam afastar das solenidades religiosas as cargas profanas⁴⁷.

A intranquilidade noturna da cidade de Coimbra provocada por estudantes e outras pessoas de diferentes localidades de Portugal parece ter feito parte das experiências de sociabilidade de José Vieira Ataliba. Essas confrarias noturnas só foram reprimidas a partir de Portaria de 14 de dezembro de 1838, onde é proibida o uso de toques de tambor, foguetes e alaridos noturnos que colocavam em susto os habitantes da cidade⁴⁸.

*Com estes estudantes relativamente sossegados se misturavam ociosos estranhos à academia, que se faziam passar por estudantes. Diz Ribeiro Sanches: «Também vi homens de maior idade, professarem mais que a vida de feição e galanteio virem de Lisboa e das províncias passar o inverno em Coimbra; longeados com estudantes, na intenção de se divertirem; nunca lhes faltou companhia de jogar, glosar motes, tocar instrumentos, dançar e consumir o tempo na conversação dos equívocos e dos repentinos» [...] Às vezes as músicas vinham para a rua, incomodando os moradores da cidade; pelo alvará de 20 de Julho de 1530 vê-se que «alguns estudantes da Universidade, não esguardando o que cumpre ao serviço de Deus e meu (fala D. João III) e à honestidade de suas pessoas, andam de noite, com armas, fazendo músicas e outras artes não mui honestas para essa cidade, do que se segue escândalo aos cidadãos e moradores e pouca honra e autoridade à Universidade»*⁴⁹.

O convívio com outros estudantes, em Coimbra, foi importante para a construção de sua rede de sociabilidade, aflorar gostos e desejos e crescimento intelectual. Cortejar as mulheres estava no perfil de José Vieira Ataliba quanto o primoroso reconhecimento por seus contemporâneos de sua inteligência naquilo que se proponha a realizar nos estudos médicos. Diferentemente dos demais estudantes de Coimbra que gostava da vida noturna, o texto biográfico sobre José Vieira Ataliba nos revela notas de ter sido acadêmico assíduo e comprometido aos estudos. Isto, possivelmente, tenha causava estranheza para com outros que frequentavam as diversões noturnas, e dava-lhe a possibilidade de não ser suspeito de envolvimento em confusões⁵⁰.

Vale ressaltar que as farras noturnas nem sempre eram compostas por alunos da Universidade de Coimbra, pois estavam entre os jovens estudantes pessoas não matriculadas nos cursos superiores. Esta noção de vivências na cidade de Coimbra foi escrita em declaração do Reitor Reformador, Francisco de S. Luis, anexa ao ofício de 21 de novembro de 1821, no qual informava sobre o dever de seu cargo: estar atento aos comportamentos dos estudantes da Universidade de Coimbra, portanto, era preciso

*[...] reprimir a estranha liberdade, com que muitos Mancebos inapplicados, ociosos ou dissolutos, abusando da boa fé, ou ignorância de seus Pais e Parentes, continuão a residir em Coimbra, sem se acharem matriculados em alguma das Escolas da Universidade [...], e só para gosarem das vantagens, e talvez da impunidade, que presumem lhes affianças o habito Acadêmico; perturbando a cada passo com suas desordens o socego público, distraindo os Estudantes [...]*⁵¹

Ainda por este documento anexo ao ofício de 21 de novembro de 1821, o Reitor Reformador, Francisco de S. Luiz, demonstrou insatisfação por aqueles que vestiam o hábito Acadêmico e não estavam matriculados na Universidade de Coimbra. Por conta dessa situação, o reitor reformador observou que nem todo aquele que veste os 'vestidos' acadêmicos deve ser considerado educado ou regulado e merecem ser expulsos das casas que residem na cidade. Ao final de sua declaração, ele apresenta a última advertência:

*[...] ninguém das portas da cidade para dentro possa usar de vestidos tolares, não sendo pessoas do corpo Acadêmico ou Eclesiásticos [...], e pelo contrário, que as Pessoas Acadêmicas não usem dentro da cidade se não do vestido, que lhes he próprio, mostrando nelle, assim como devem fazer em tudo o mais, a sigudeza, gravidade, e modéstia que caracteriza o homem bem educado, e o verdadeiro amigo das Sciencias, e das Letras*⁵²

A diversão estudantil não era a única via de sociabilidade de José Vieira Ataliba, também naqueles anos de formação acadêmica a situação política do país estava em crise por conta das disputas ideológicas entre absolutistas e liberais. Estes embates político-ideológicos estavam presentes entre os professores e estudantes da Universidade de Coimbra que, em sua maioria, defendiam as ideias absolutistas. Os estudantes que defendiam as propostas políticas do movimento Liberal e Absolutistas realizavam festejos e saraus poéticos para comemorar na Sala dos Capelos os júbilos de suas conquistas, respectivamente, em 21 de novembro de 1820 e, 23 a 25 de fevereiro de 1824⁵³.

Neste contexto político em que professores e alunos estiveram presentes, a Universidade de Coimbra passou por mais um cancelamento dos estudos no ano letivo de 1828-1829, através de duas Cartas Régias, a primeira, em 26 de maio de 1828 e a segunda, em 27 de março de 1829. A formação de seis Batalhões Acadêmicos na primeira metade do século XIX. Por motivos da Revoltas Liberais, o segundo e o terceiro batalhão deste período histórico se expressão em boa parte no período de permanência de José Vieira Ataliba em Coimbra⁵⁴.

O segundo (1826-1827) formou-se para defesa da causa liberal, tendo prestado grandes serviços na campanha da Beira; era composto de quatrocentos praças, formando seis companhias. [...] O terceiro (1828-1834) resultou da revolução contra D. Miguel, que rebentou em Coimbra a 22 de Maio de 1828. A 25 de Abril deste ano, no dia do aniversário de D. Carlota Joaquina, tinha-se realizado na Sé uma pomposa festa para a qual tinha subscrito duzentos e trinta e nove estudantes da Universidade e vinte e cinco do Colégio

das Artes. Um batalhão acadêmico liberal, organizado quase um mês depois, tinha três companhias na força total de cento e sessenta e nove praças. Os estudantes realistas, retirando-se na direção de Lisboa, formaram em Leiria um pequeno corpo de cinquenta e três praças, que se bateu com as forças liberais em 24 de Junho, na Cruz dos Mouros, onde dois académicos deste corpo foram feridos e feitos prisioneiros. Depois desta batalha retirou o batalhão acadêmico para o Porto, donde seguiu para Galiza, embarcando uns estudantes para Inglaterra e outros para a França⁵⁵.

A participação de estudantes nos batalhões acadêmicos comprometia os seus estudos universitários e, conseqüentemente, eram notificados com faltas pelos professores de suas respectivas disciplinas. Essa situação gerava discussões entre professores e alunos por conta das posições políticas que eles assumiam e, dessa forma, as possibilidades de abono das faltas nem sempre eram resolvidas dentro da Universidade de Coimbra, ou seja, era necessária a intervenção do Governo e das Cortes.

[...] 1827, 5 de Maio: As Congregações das diversas Faculdades, compostas por Lentes “pela maior parte adversos à causa da liberdade”, entenderam que as faltas dadas pelos estudantes que incorporaram o Batalhão Acadêmico ao serviço da causa liberal não lhes podiam ser abonadas. Estes representaram ao Governo e às Cortes contra a decisão, gerando-se uma acesa polémica. Por fim, e depois de muitas hesitações, um Aviso desta data mandou abonar as faltas dos referidos alunos⁵⁶.

A questão das faltas dos alunos que faziam parte destes batalhões acadêmicos permite pensar sobre qual seria a posição política de José Vieira Ataliba neste período de suas experiências de sociabilidade. As faltas que os alunos recebiam no curso de Medicina por conta desta situação eram registradas no livro de atas *Medicina Actas* (1822-1841)⁵⁷. As sessões da Faculdade de Medicina registradas na referida ata para os anos de 1827 e 1828 foram realizadas, respectivamente, 13 e 5 reuniões, nas quais não apresentaram nenhuma notificação de falta ou abono para José Vieira Ataliba permitindo reconhecê-lo como um estudante que não defendia as ideias liberais.

No entanto, algumas atitudes dos estudantes nestas situações de defesa ou repressão dos ideais políticos, liberais ou absolutistas, necessariamente, não eram notificadas por meio de faltas nos estudos acadêmicos. Um exemplo disso foi às advertências e punições severas que os alunos recebiam em forma de processos. Entre os documentos desta natureza organizados sobre o nome de *Processos de Polícia Acadêmica*⁵⁸ (1827-1854), José Vieira Ataliba não sofreu nenhuma notificação em processo.

Provavelmente, as punições severas que aconteceram na segunda década do século XIX, tenham sido, por ocasião do infante D. Miguel ter assumido a posição de rei após ter jurado a Carta Constitucional. No que diz respeito ao envolvimento dos estudantes, o caso do assassinato dos professores da Universidade de Coimbra por estudantes liberais foi um fato que ocasionou grande comoção. Essa, entre outras atitudes de revolta, criou uma situação de repressão em que os miguelistas chegaram a criar tribunais para condenação à morte.

A reacção Liberal contra D. Miguel em Portugal iniciava-se concomitantemente com os seus primeiros actos políticos absolutistas. As primeiras tentativas de revolta militar ocorreram em Março e Abril de 1828 em Lisboa. Em Março, tinha lugar o triste episódio da acção de um grupo de estudantes liberais – os «Dignos» -, que assassinaram os professores que de Coimbra se dirigiam a Lisboa para felicitar D. Miguel em representação da universidade. Mas é no mês de Maio que ocorrem vários pronunciamentos liberais em Aveiro, Coimbra, Faro e Porto, que tiveram conseqüências assinaláveis. No Porto chegou mesmo a constituir-se um governo revolucionário – a Junta do Porto. A luta liberal contra o miguelismo desenvolvida pela junta recebe apoio de alguns exilados, que vieram da Inglaterra no navio Belfast. Mas os liberais não se entenderam, pelo que a maior parte acabou por regressar ao país de exílio. Os miguelistas venciam os liberais, obrigando-os a importante êxodo [...] A repressão exerceu-se rapidamente sobre os revolucionários, criando-se tribunais especiais - as alçadas -, onde foram julgados e condenados à morte⁵⁹.

A leitura da violenta repressão miguelista nos permitiu compreender trechos dos traços biográficos de José Vieira Ataliba⁶⁰. Nesse texto, a expressão ‘horrorosa inquisição’ para simbolizar os atos de perseguição, tortura, condenação e morte em um tribunal criado para reprimir indivíduos que eram contra ao regime absolutista defendido pelo rei, o infante D. Miguel. A referida expressão foi usada para informar que José Vieira Ataliba havia sido preso por engano e, com ajuda de seu futuro sogro, conseguiu provar que era inocente de supostas acusações, as quais o referido autor não esclareceu.

[...] Apenas formado, apaixonou-se por uma jovem portuguesa, que sem nobreza e grande fortuna era entretanto honesta e de rara beleza. Pediu-a em casamento, e quando se preparava para as venturas do noivado foi preso pela horrorosa Inquisição, em consequência de proclamações aparecidas e que lhe imputaram. Os esforços de seu futuro sogro justificaram por fim a inocência do peso, e alcançaram-lhe soltura; e logo depois effectuaram-se as núpcias⁶¹.

As considerações de que José Vieira Ataliba tivesse sido um estudante que defendia as ideias absolutistas na vertente do rei D. Miguel podem não estar alinhadas com as informações de experiências de sociabilidade do jovem baiano. Esse estudante, talvez, não tenha participado ativamente dos movimentos liberais ou absolutistas em Portugal. Esse posicionamento do estudante José Vieira Ataliba que apresentou indícios de ter sido um aluno inteligente e que frequentava as confrarias permite considerar que ele esteve atento às questões políticas de seu país⁶².

O fato de José Vieira Ataliba ter sido absorvido das acusações impostas no período em que Portugal vivia uma crise política – as revoltas liberais – permite considerar que ele não teve envolvimento com os grupos liberais. Por outro lado, não o consideramos um defensor da posição política absolutista, uma vez que o estudante baiano não havia sido reconhecido como um dos possíveis estudantes da Universidade de Coimbra que participava do grupo ‘miguelista’.

Desta forma, as experiências conimbricenses do estudante José Vieira de Faria Aragão Ataliba possibilitaram compreendê-lo através das redes de sociabilidade que ele participou. Através do contato com outros estudantes de diferentes regiões e moradores da cidade de Coimbra, ele obteve o conhecimento de outras formas culturais, ideias científicas e políticas. Essas noções contribuíram no seu processo de formação e o tornou empenhado a solucionar os problemas sociais e desenvolver ações de civilidade.

Considerações finais

Esta investigação do percurso de formação de José Vieira de Faria Aragão Ataliba é um exemplo que contribuiu na compreensão das influências sociais, culturais e científicas dos anos finais do século XVIII. Seguimos os vestígios de um sujeito histórico para identificar, conhecer, interpretar e compreender as complexas tessituras de uma formação que mereceu ser verificadas à luz das conjunturas contextuais.

Nos vestígios sobre José Vieira de Faria Aragão Ataliba, encontramos indícios para reconhecê-lo com os atributos de um intelectual segundo a cultura portuguesa. Seus conhecimentos e experiências foram aplicados em outro espaço de forma particularizada. O sujeito desta pesquisa foi membro de grupos e agiu politicamente a favor de seus interesses pessoais, por um intercâmbio de ideias científicas e noções de civilidade.

Nesta época, a diplomação de sujeitos ainda mais voltados para as atividades de prática laboratorial e contato com o espaço hospitalar cresceram e reforçaram uma estrutura de ensino que priorizava o conhecimento histórico, as teorias da ciência e da própria Medicina.

Diante da fragmentação de fontes, muitas vezes não seriais, ou ainda, avulsas ou sem registros de tinta (escritos) por conta das revoltas liberais e fechamento da Universidade de Coimbra, acreditamos que esta investigação poderá ter futuros desdobramentos. Os investimentos por uma investigação que apresentamos por meio do gênero biográfico do

tipo modal, foi importante para o enquadramento contextualizado da formação e atuação do sujeito. Compreender estas tessituras não nos deixou dúvida de que, José Vieira de Faria Aragão Ataliba, que as influências educacionais, políticas e sociais influenciaram posteriormente em sua atuação profissional como professor de Química, na Faculdade de Medicina da Bahia, o que apresentaremos em outra oportunidade. Nela adentraremos nos efeitos das atuações profissionais deste intelectual após seu retorno no Brasil, o que nos levam a outros limites temporais de investigação 1827 – 1853.

Notas e Referências Bibliográficas

Ana Lícia de Melo Silva é mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e professora substituta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: analiciaqmc@gmail.com.

Almir Leal de Oliveira é doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: almirleal@uol.com.br.

- 1 Os autores agradecem à CAPES pela bolsa de mestrado, no período de realização desta pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Ceará. Agradecem aos professores Fernando Catroga e Ana Cristina Araújo da Universidade de Coimbra pelas orientações no período de pesquisa no Arquivo e Biblioteca da Universidade de Coimbra, e funcionários do Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Lisboa.
- 2 Este artigo é parte de nossa pesquisa do Mestrado. Assim, detalhes da atuação de José Vieira de Faria Aragão Ataliba como professor da cadeira de Química, na Faculdade de Medicina da Bahia, e sua atuação política naquele contexto serão apresentadas em outra oportunidade.
- 3 CARRARA JÚNIOR, Ernesto; MEIRELLES, Hélio. O ensino e a pesquisa química. In: _____. *A indústria química e o desenvolvimento do Brasil: dos primórdios da alquimia ao Brasil imperial (1500-1844)*. São Paulo: Metalivros, 1996. p. 218.
- 4 OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória História da Faculdade de Medicina da Bahia: concernente ao ano de 1942*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.
- 5 RAMINELLI, Ronald. *Viagens Ultramarinas: monarcas, vassallos e governo a distância*. São Paulo, Alameda, 2008.
- 6 NEVES, Guilherme P. C. Pereira das. *O Seminário de Olinda: educação, cultura e política nos tempos modernos*. 1984, 602 f. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1984. Vol. 1 e 2.
- 7 ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização*. Vol.2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- 8 ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. *O que é história da ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 6.
- 9 LE GOFF, Jacques. História. In: _____. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão. [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 31.
- 10 LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes [coord.]. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 167-182.
- 11 KAZAMIAS, Andreas M. Educação Comparada: uma reflexão histórica. In: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas M.; ULTERHALTER, Elaine. *Educação comparada: panorama internacional e perspectivas*. Vol. 1. Brasília: UNESCO, CAPES, 2012. p. 181.
- 12 VARGUES, Isabel Nobre e RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. Estruturas políticas: parlamentos, eleições, partidos políticos e maçonarias. In: MATTOSO, José (org.) et al. *História de Portugal: o Liberalismo (1807-1890)*. Vol. 5. Lisboa: Estampa, 1993.
- 13 OLIVEIRA, José António. *A igreja e a instauração do liberalismo em Portugal*: D. João de Magalhães e Avelar e Frei Manuel de Santa Inês (1816-1840). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. p. 123.
- 14 QUEIROZ, Alexandre José de. Traços biográficos do Dr. Ataliba. *Gazeta Médica da Bahia*, n. 4, out, 1882. p. 163-164.
- 15 *Estatutos da Universidade de Coimbra*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra. Vol. III, 1772. p. 8-9.
- 16 *Relação e Índice Alfabético dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra 1814 a 1822*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra.
- 17 *Certidão de Idade*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra. Vol. 34 (1772-1833), p. 42 (frente e verso). Cota: IV-1ª D- 5-2-34.
- 18 VARGUES, Isabel Nobre; TORGAL, Luís Reis. Da Revolução à Contra-Revolução: vintismo, cartismo, absolutismo - O Exílio Político. In: MATTOSO, José. (Org.) et al. *História de Portugal: o Liberalismo (1807-1890)*. Vol. 5 Lisboa: Estampa, 1993.
- 19 *Livro de Matrículas*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra. Vol. 51 (1823-1824), fl. 214. Cota: IV – 1ª D- 2-4-43.
- 20 Idem. Vol. 52 (1824-1825), fl. 282. Cota: IV – 1ª D- 2-4-44.
- 21 Idem. Vol. 54 (1826-1827), fl. 222. Cota: IV – 1ª D- 2-4-46.
- 22 Idem - Vol. 55 (1827-1828), fl. 125. Cota: IV – 1ª D- 2-4-47.
- 23 *Medicina Acta (1822-1841)*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra. fl. 36. Cota: IV – 1ª D- 3-1-85.
- 24 RAMOS, Luís A. de Oliveira. D. Pedro e as dificuldades externas da causa Liberal (1826-1834). *Actas do Congresso Internacional*. Palácio da Bolsa: Porto. 1998. p. 531-532.
- 25 RODRIGUES, Manuel Augusto. *Chronologia Historica e Universitatis Conimbrigensis*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1998. p. 139.
- 26 *Medicina Actos e Graus*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra. Fl. 192. Cota: IV-1ª D- 4-4-51.

- 27 *Medicina Pontos (1820-21 a 1839-40)*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra., sem identificação de folha. Vol. 4. Cota: IV-2ª D-8-3-115.
- 28 Idem.
- 29 *Medicina Pontos (1820-21 a 1839-40)*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra. Livro 04. Cota: IV- 2ª D- 8-3-115.
- 30 *Cartas de Curso (1827) Medicina*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra. 3ª Série. Caixa: 38. Cota: 2ª D- 13- 1-16.
- 31 OLIVEIRA, op. cit., 2009. p.124.
- 32 CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da; PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Ciência, identidade e cotidiano: Alguns aspectos da presença de estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra, na conjuntura final do período colonial. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. n. 9, 2009. p. 211. Disponível em < http://www.uc.pt/chsc/rhsc/rhsc_9/rhsc9_205-228_abc-mml.pdf> Acesso em 12 fev.2013.
- 33 Idem.
- 34 Idem.
- 35 CASCÃO, Rui. Vida quotidiana e sociabilidade. In. MATTOSO, José (Org.) et al. *História de Portugal: o Liberalismo (1807-1890)*. Lisboa: Estampa, v. 5, 1993. p. 517.
- 36 CRUZ, op. cit., 2009. p. 218.
- 37 *Relação, e Índice Alfabético dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra 1822-1831*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra.
- 38 Idem.
- 39 MOTA, Guilhermina. Famílias em Coimbra nos séculos XVIII e XIX. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n. 10, Tomo II, 2010. p.355. Disponível em < <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/39527/1/Familias%20em%20Coimbra%20nos%20seculos.pdf> > Acesso em 08 jun. 2018.
- 40 QUEIROZ, op. cit., 1882. p. 163.
- 41 ELIAS, op. cit., 1993, v. 2, p. 195.
- 42 *Livro de Matrícula – 1820-1821*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra. Cota: IV-1ª D-2-4-40.
- 43 CASCÃO, op. cit., v. 5, 1993. p.571.
- 44 QUEIROZ, op. cit., out. 1882. p. 167.
- 45 CASCÃO, op. cit., v. 5, 1993. p.525.
- 46 QUEIROZ, op. cit., 1882. p. 164.
- 47 CASCÃO, op. cit., v. 5, 1993.
- 48 BASTOS, Henrique Teixeira. *A vida do estudante em Coimbra: antiga e moderna*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1920.
- 49 Idem.
- 50 QUEIROZ, op. cit., 1882.
- 51 *Universidade Contas e Propostas (1821-1823)*. Loc.: Arquivo Torre do Tombo. ANTT – Ministério do Reino. Maço: 513. Caixa: 639. Classe: 5ª. Divisão: 14ª.
- 52 Idem.
- 53 RODRIGUES, op. cit., 1998. p. 131.
- 54 BASTOS, Henrique Teixeira. *A vida do estudante em Coimbra: antiga e moderna*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1920.
- 55 Idem. p. 25-26.
- 56 RODRIGUES, op. cit., 1998. p.131.
- 57 *Medicina Acta (1822-1841)*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra. Cota: IV-1ª D-3-1-85.
- 58 *Processos de Polícia Acadêmica (1827-1854)*. Loc.: Arquivo da Universidade de Coimbra. Cota: IV-1ª E- 10-5-6.
- 59 VARGUES, op. cit., v. 5, 1993. p. 75-76.
- 60 Idem.
- 61 QUEIROZ, op.cit., 1882. p. 164-165.
- 62 Idem.

[Artigo recebido em Junho de 2018. Aceito para publicação em Setembro de 2018]